

# BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1384 | 24/04/2017 a 30/04/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



LOGÍSTICA

## ONDE GUARDAR A PRODUÇÃO?

Previsão de supersafra faz soar alerta para um velho problema: a falta de silos para armazenar os grãos retirados do campo

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)

# Aos leitores

A projeção que indica uma temporada de supersafra levanta a discussão sobre o velho drama da logística defasada no país. O Paraná tem capacidade para armazenar 29,6 milhões de toneladas de grãos, insuficiente para abrigar as 42 milhões de toneladas previstas para esta temporada. A queda nos preços das commodities faz os produtores segurarem as vendas à espera de valores melhores, o que piora a falta de espaço para acomodar os grãos da supersafra. Uma equação difícil de ser solucionada.

Nesta edição, trazemos ainda uma reportagem sobre o uso de “pó de rocha”, um novo tipo de insumo que pode trazer benefícios para o solo, que vem agradando produtores em vários estados.

Também mostramos como os cursos oferecidos pelo SENAR-PR estão ajudando a melhorar a realidade de pequenos agricultores paranaenses.

**Boa leitura!**

## Expediente

### • FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

### • SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

### • BOLETIM INFORMATIVO

**Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon

**Edição:** Ricardo Medeiros

**Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho  
**Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figueira

*Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.*

### Fotos da Edição 1384:

Fernando Santos, Milton Dória, Giuliano Gomes, Breno Lobato, Jorge Roberto Pereira da Silva, Lineu Filho, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

## ÍNDICE



### ARMAZENAGEM

Gargalo da safra

PAG. 4

### “PÓ DE ROCHA”

Solo mais nutritivo

Pág. 8

### HISTÓRIA

Guerra da Coreia

Pág. 12

### SENAR-PR

Realidade promissora

Pág. 14

### TECNOLOGIA

Foco na agroinovação

Pág. 18

### EMPREENDEDORISMO

Geleia para exportação

Pág. 22

# Setor de carnes é um dos raros em que o Brasil é referência global

A exportação brasileira de carnes cresceu 13% ao ano desde 2000 e atingiu US\$ 14,4 bilhões em 2016. Ocupamos o 2.º lugar no ranking mundial, exportando carne de aves para 160 países (1.º do mundo), bovina para 138 países (2.º lugar) e suína para 88 países (4.º lugar).

A exportação é volumosa e diversificada em produtos e destinos neste setor, sem dúvida um dos mais dinâmicos do agronegócio mundial. Se o Brasil sair do mercado mundial, haverá uma imediata escassez, que impactará a segurança alimentar de boa parte da população mundial.

Os principais fatores que explicam o sucesso do Brasil nas proteínas animais são:

Disponibilidade de milho e farelo de soja: principais componentes da ração usada para criar aves e suínos, esses dois itens respondem por mais da metade do custo de produção dos animais. A maioria dos países que produzem carne no mundo importa soja e/ou milho das Américas, o que encarece o seu custo de produção.

Produtividade: genética avançada e uso de insumos modernos garantem elevadas conversões alimentares na produção de aves e suínos (kg de ração por kg de carne). No boi, o melhoramento de capins tropicais e do gado zebuino (puro ou cruzado com raças europeias) gerou 143% de ganho de produtividade desde 1990.

Status sanitário: o Brasil tem sido privilegiado pela ausência de graves epidemias que atingem a pecuária em outros continentes, como a influenza aviária, a doença de Newcastle, a peste suína, a diarreia epidêmica porcina e a vaca louca.

Coordenação da cadeia produ-

tiva: exemplos notáveis de coordenação e eficiência da cadeia de carnes são:

a) o sistema de integração lavoura-pecuária na produção primária de grãos e bovinos;

b) a integração vertical entre pequenos produtores de suínos e aves e as indústrias processadoras, sejam elas privadas ou cooperativas;

c) a amplitude e a eficiência da cadeia fria, que vai do processamento à geladeira dos consumidores no país e no exterior;

d) a grande quantidade de auditorias, certificações e padrões privados que garantem qualidade, sanidade, rastreabilidade e bem-estar do animal.

Vale destacar que a maior parte dos países importadores impõe rígidos sistemas de aprovação de cada unidade brasileira que quer exportar: acordo sanitário internacional, preenchimento de questionários e auditorias que vão habilitar e monitorar só uma parte das unidades.

Esse processo é moroso e pouco transparente, repleto de travas sanitárias, técnicas e burocráticas, não raro sem base científica e previsibilidade. Nossos frigoríficos são constantemente inspecionados por técnicos e clientes dos países importadores: em 2016, só a JBS e a BRF receberam 550 auditorias do exterior.

Curiosamente vários países que hoje restringem a carne brasileira não aplicam internamente os mesmos critérios exigidos nas importações. A realidade nua e crua de grande parte dos países em desenvolvimento é triste: abate de animais vivos em mercados molhados (chamados de "wet markets"), sujeira e contami-

nações por toda a parte, animais heterogêneos e sem controle sanitário de origem, trabalhadores descalços, sem camisa, luvas ou toucas de proteção, ausência de cadeia fria no mercado e nas casas.

Padrão, sanidade, qualidade e cadeia fria infelizmente são a exceção, e não a regra, para a maior parte dos consumidores do planeta.

O setor de proteínas animais é um dos raros segmentos da economia em que nos tornamos referência global, graças a exportações que agregam volume, qualidade, sanidade e preços acessíveis, além de boas perspectivas. Basta dizer que, enquanto a demanda mundial por alimentos aumentará 46% até 2050, a procura por proteínas animais crescerá 95%, mais que o dobro.



**Marcos Sawaya Jank**

Especialista em questões globais do agronegócio

*Artigo publicado no jornal Folha de S.Paulo em 15 de abril de 2017*

# Produção sem guarida

Com a queda nas cotações, produtores reduzem negócios à espera da reversão do cenário. Diminuição nas vendas das commodities gera transtornos com armazenagem em temporada de supersafra

Por Carlos Guimarães Filho

A logística, um dos velhos calcanhares de Aquiles do agronegócio nacional, tem preocupado os produtores paranaenses em temporada de safra cheia. Diante da queda nos negócios envolvendo as commodities, principalmente soja e milho, em função da redução das cotações, o setor produtivo está fazendo malabarismos para lidar com a falta de silos e armazéns para acomodar a produção retirada dos campos.

De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a capacidade estática dos armazéns cadastrados no Paraná é de 29,6 milhões de toneladas. Porém, essa estrutura é insuficiente para abrigar as 42 milhões de toneladas de grãos desta safra, sendo 19 de oleaginosa, 18,2 somando milhos verão e safrinha, 3,2 de trigo e 1,5 das outras culturas, projetadas pelo Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab). Ou seja, nesta temporada, o Estado tem uma defasagem superior a 12 milhões de toneladas.

Se o setor considerar o estudo da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), que aponta como ideal uma capacidade para armazenagem 120% da produção, o déficit paranaense salta para 20,8 milhões de toneladas.

“Nós estamos acostumados com ritmo de vendas maiores. Não cogitávamos essa situação. Se o pessoal não vender poderemos ter problemas. Mas não acredito em desdobramentos mais sérios, pois temos mais um

tempo para o início da colheita do milho safrinha”, ressalta, de forma otimista, Marcelo Garrido, economista do Deral.

Na última atualização da entidade, em março, a comercialização de soja estava em 26%, contra 41% do mesmo período do ano passado, enquanto o milho safrinha amarga apenas 2%, bastante abaixo dos 19% de 2016. Esses percentuais são reflexos da queda significativa nos preços. A oleaginosa, que chegou a ser vendida acima dos R\$ 80 a saca de 60 quilos no meio do ano passado, está cotada abaixo dos R\$ 60 atualmente. No cereal, o preço, que quase bateu na casa dos R\$ 40 a saca de 60 quilos há um ano, está pouco mais da metade.

# 29,6 milhões

de toneladas é a capacidade dos  
armazéns no Paraná



# 42 milhões

de toneladas é a estimativa da safra 2016/17 no Estado

## Impacto

Mesmo antes do início da colheita do milho safrinha, prevista para junho, produtores de algumas regiões do Estado enfrentaram problema com armazenagem. No Sudoeste, onde a estrutura para receber os grãos é limitada, os agricultores precisaram entregar a produção para grandes cerealistas.

“Nós tivemos problemas graves em fevereiro e março. A produtividade foi acima do esperado e a capacidade de recebimento e armazenagem é um gargalo da

região. Alguns caminhões de milho ficaram 48 horas na fila para descarregar, elevando o custo de produção. Os produtores tiveram que recorrer a grandes empresas”, relata Miguel Luiz Severino Alves, produtor e presidente do Sindicato Rural de Laranjeiras do Sul. “Isso tem um reflexo ruim, dificulta na hora da negociação, pois perdemos o poder de barganha”, complementa.

Ainda segundo Alves, a estrutura de armazenagem da região Sudoeste é a mesma de 30 anos atrás. Em contrapartida, no mesmo período, as máquinas agrícolas tiveram um avanço significativo na capacidade de colher, tanto na velocidade como no tamanho dos baús.

“As máquinas colhem muito mais em menos tempo. E o plantio está concentrado num pequeno período. Ou seja, na hora da colheita está todo mundo entregando ao mesmo tempo. Precisamos escalonar o plantio nas próximas temporadas, pois desta maneira não tem condição. Já são anos de problemas com armazenagem”, aponta.

A entrada das 13,6 milhões de toneladas de milho safrinha gera apreensão nos produtores do Oeste, responsável por 37% da produção estadual – 5 milhões de toneladas. Apesar de a região contar com uma boa estrutura de armazéns, principalmente das cooperativas, e mesmo com o fato das integradoras comprarem o cereal direto dos produtores para transformar em ração para a avicultura, o setor produtivo aguarda os desdobramentos em compasso de espera.

“O clima está ótimo e o produto muito bonito. A produção será realmente boa e fica uma apreensão por parte do setor produtivo. Mas é o que eu digo quando



**“Não construímos armazéns, mas estádios de futebol. Então vamos colocar a produção nos estádios”**

*Nelson Paludo,  
produtor e presidente  
do Sindicato Rural  
de Toledo*



## EVOLUÇÃO

Veja o crescimento da capacidade estática dos armazéns cadastrados no Paraná nos últimos 10 anos

\* em milhões de toneladas

Fonte: Conab



questionam o que vamos fazer com a entrada do milho. Não construímos armazéns, mas estádios de futebol. Então vamos colocar a produção nos estádios”, diz, em tom de crítica, Nelson Natalino Paludo, produtor e presidente do Sindicato Rural de Toledo, no Oeste.

## Retomada

Apesar das cotações abaixo das vivenciadas pelos produtores ao longo de 2016, os negócios envolvendo as principais commodities devem esquentar nos próximos meses, acredita Marcelo Garrido, do Deral. “As cotações estão mais baixas, mas mesmo assim, [os preços atuais] dão uma rentabilidade para a soja. Está acima do custo de produção”, garante o economista. “Cada um sabe onde aperta o calo. Mas daqui um mês e meio, o produtor precisa definir a safra de verão. Terá que partir para a venda”, complementa.

Francisco Carlos Simioni, diretor do Deral, reforça o discurso de que as vendas devem esquentar a partir de agora. “Os contratos futuros estão sendo entregues. Isso tudo está fazendo rodar a safra, mas num ritmo menor. Como está capitalizado, o produtor vende de forma mais calma, conforme precisa de capital de giro”, diz.

## Futuro

Os dramas enfrentados pelo setor produtivo ao início de cada temporada devem continuar se repetindo a cada safra cheia no Paraná. Isso porque não deve ocorrer muitos novos investimentos na construção de armazéns e silos pelo Estado.

“O investimento para construir essas estruturas é alto. Esse é um gargalo terrível, que deve continuar sendo um problema”, aponta Alves. “É um investimento de longo prazo, com retorno lento”, reforça Simioni.

Mesmo com o lançamento do Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA), no Plano Agrícola e Pecuário (PAP) 2013/14, não houve um avanço significativo na logística estadual. Segundo Simioni, de lá para cá, a linha de crédito permitiu o aumento de 2,5 milhões de toneladas na capacidade paranaense.

“As cooperativas pegaram bastante, principalmente em função dos juros. Mas os produtores foram poucos. Eles não conseguem fazer esse investimento”, define o diretor do Deral. Na época, o PCA disponibilizou R\$ 5 bilhões, ao longo de cinco anos, com juros de 4,5% e prazo para pagamento de 15 anos.

# O poder das rochas

Utilização de remineralizadores de solo melhora o aproveitamento de nutrientes pelas plantas. Marco legal regulamentou a produção destes produtos no país

Por André Amorim



*Desde que passou a utilizar os remineralizadores, o produtor Rogério Vian não aplicou mais fertilizantes químicos na lavoura*

O uso da rochagem ou “pó de rocha” na agricultura é uma prática antiga que por muitos anos dividiu opiniões sobre sua real eficácia. Isso porque muitos produtos disponíveis no mercado de fato não tinham as características desejáveis, sendo muitas vezes simples rejeitos de pedreiras e mineradoras que iam parar nas lavouras sem critério algum.

Além disso, produtores e técnicos acabavam colocando esses itens no mesmo balaio de fertilizantes químicos, como potássio, fósforo e nitrogênio (que juntos formam a sigla NPK), quando eles não fazem parte deste grupo. Segundo o geólogo e pesquisador da Embrapa Cerrados, Eder de Souza Martins, os “remineralizadores” (nome correto destes produtos) são um novo tipo de insumo que pode trazer benefícios duradouros para o solo, dentre

eles o maior aproveitamento dos nutrientes disponíveis pelas plantas.

De acordo com Martins, além de possuir elementos químicos importantes para a nutrição dos vegetais, os remineralizadores aumentam a capacidade de troca de cátions (CTC) do solo, efeito que tem relação direta com a sua capacidade de reter água, nutrientes e estabilizar a matéria orgânica. A utilização desses produtos vem sendo comemorados por produtores, que têm obtido bom rendimento nas lavouras e economia na compra de fertilizantes químicos (NPK).

Muito do desconhecimento sobre a utilização dos remineralizadores se devia à falta de balizas legais e técnicas que determinassem exatamente o que são esses produtos. Essa lacuna foi suprimida no ano passado, com a publi-

cação de duas Instruções Normativas (IN n.º 5 e IN n.º 6) pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), que trouxeram os critérios mínimos (características químicas, físicas, mineralógicas e agrônomicas) para que o pó de rocha seja considerado um remineralizador.

“Essa é a primeira vez na história que temos um marco legal completo”, comemora Martins, que atua há mais de 20 anos nesta área. Segundo ele, entre os critérios estabelecidos pelo Mapa para a obtenção de registro pelos fabricantes está a exigência do relatório técnico de eficiência agrônômica. Com isso, o produtor rural terá segurança quanto à eficácia do produto utilizado. Outros critérios dizem respeito à soma das bases (CaO, MgO, K<sub>2</sub>O), que deve ser igual ou superior a 9% e a presença de óxido de potássio, que deve ser de, no mínimo, 1%. Também há um limite máximo para elementos potencialmente tóxicos, como chumbo, cádmio, mercúrio e arsênio.

## Resultado

Depois que passou a utilizar remineralizadores, há cinco anos, o produtor Rogério Vian, de Mineiros (GO), não colocou mais nenhum grama de fertilizantes químicos em suas lavouras. Ele conta que conheceu a técnica por acaso, em um Dia de Campo. Vian testou primeiro o pó de rocha em um talhão da lavoura que correspondia a 8% da sua área plantada, enquanto tratava o restante com fertilizantes químicos. “A produtividade era muito maior onde tinha o pó de rocha”, lembra. Com o passar dos anos foi expandindo a área com remineralizadores até chegar a 100% da propriedade de 600 hectares. “O que você economiza só de tirar o adubo já vale à pena”, afirma ele, que antes utilizava entre 100 e 150 quilos de cloreto de potássio por hectare. Desde que adotou esse método, ele conta que sua produtividade nunca ficou abaixo de 60 sacas de soja/ha.

No primeiro ano da experiência, Vian aplicou cinco toneladas de remineralizador por hectare e passou a monitorar a produtividade. “Naquele ano colhi 10 sacas a mais por hectare”, lembra. Nos anos seguintes, ele não aplicou nenhum tipo de adubo químico e agora, ao final de cinco anos, pretende repetir a dosagem inicial de remineralizadores.

Segundo Martins, da Embrapa, a recomendação de uso dos remineralizadores ainda é algo em construção. No caso da propriedade do goiano Vian, o geólogo adianta que em algum momento o produtor terá que repor o NPK do solo. “Ele não está colocando mais adubo porque está usando a reserva de nutrientes que já existia no solo”, observa. “O remineralizador aumenta a eficiência do uso desses nutrientes”, explica.

De acordo com Martins, a recomendação de uso inicial existe, mas como isso vai se comportar em longo prazo é um mistério. “O

agricultor vai ter que testar, não existe receita de bolo. O solo é variável, a planta é variável, o clima, tudo altera a eficiência dessas rochas”, afirma. “É bom lembrar que para se chegar à recomendação de uso do NPK foram décadas de pesquisa”, pondera. Segundo ele, pode-se utilizar entre 1 e 1,5 tonelada por hectare, mas existe um experimento em que foram aplicadas 100 toneladas/ha. “Esse é um caso de reconstrução do solo a longo prazo”, diz.

## Insumo regional

Outra característica dos remineralizadores é que são insumos regionais. Desta forma, de acordo com as características geológicas de cada região, serão utilizadas as rochas disponíveis. Essa condição torna o pó de rocha um insumo barato, uma vez que não precisa percorrer grandes distâncias para chegar ao consumidor final, como é o caso dos fertilizantes químicos. Hoje, 95% do potássio utilizado nas lavouras brasileiras são importados de países como Rússia e Canadá.

Além de economia no transporte, essa característica contribui para a segurança alimentar, uma vez que o Brasil não fica refém de dois ou três grandes grupos econômicos que dominam o mercado mundial de fertilizantes químicos.

“Os remineralizadores são rochas silicáticas, que são abundantes. Nosso planeta é feito dessas rochas. Já os fertilizantes tradicionalmente usados na agricultura são sais raros”, explica Martins. Com isso, o potencial para produção é enorme. “São cerca de 10 mil mineradoras no Brasil, toda região tem seus remineralizadores, esse tipo de rocha é dez vezes mais abundante que o calcário”, compara.

Por isso, segundo o pesquisador, é necessário trabalhar o zoneamento agrogeológico para identificar potencialidades de cada região. No Paraná, por exemplo, existe o uso de rochas basálticas para produção de reminera-



lizadores. É o caso da empresa Ekosolos, localizada em Paula Freitas (região Sudeste), que atua há 20 anos na produção de pó de basalto para uso agrícola. Segundo o proprietário, Valter Cano, desde 2014 a empresa realiza testes agrônômicos de eficiência e atualmente, em face da nova legislação, já entrou com pedido de registro de seu produto junto aos órgãos competentes.

Com capacidade de produção de 20 toneladas por hora, ele extrai o material de duas jazidas próprias no município. Antes de passar a recomendação técnica de aplicação do produto, ele costuma pedir uma análise de solo para calcular a quantidade aplicada, que geralmente varia entre 1 a 1,5 tonelada/ha.

O empresário também utiliza o pó de basalto em sua propriedade rural de 72 hectares, onde planta soja, milho e feijão. Segundo ele, com a aplicação do pó de basalto ele já está há oito anos sem utilizar o calcário agrícola e o uso de adubo químico foi reduzido em 30%. Além da ação nas lavouras, o produto também é utilizado na recuperação de pastagens e solos degradados.

Cano vê com bons olhos a nova legislação. “Antes havia muitas empresas que atuavam de forma irregular”, avalia. A maior parte de seus clientes estão no Paraná, mas também manda seu produto para outros estados, como São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e até o Pará. “A rochagem é viável até 400 quilômetros, mas temos alguns clientes que são muito fiéis”, afirma. É comum também produtores que aproveitam o frete de retorno de Paranaguá para carregar o insumo.

Um dos clientes que não precisa ir longe para buscar o produto é o produtor rural Sérgio Massignan, de União da Vitória (região Sul). Há cinco anos utilizando o pó de basalto, ele relata um aumento na produtividade média de mais de duas sacas por hectare a cada ano. “Quando começou colhia uma média de 60 sacas por hectare, ano passado colhi quase 75 sacas”, relata.

Em uma área de 240 hectares, Massignan cultiva soja, milho, azevém e aveia. A dosagem usada na sua lavoura foi de 1,5 tonelada de pó de basalto por hectare a cada ano. Para “garantir”, o produtor continuou aplicando a quantidade usual de adubos químicos, mas pretende diminuir a dosagem destes produtos gradativamente. “Vou continuar usando o pó de basalto, o potencial para a soja é muito grande, dá pra chegar a 80 sacas por hectare. Mas é um trabalho a longo prazo, não dá pra esperar milagre, ele vai melhorando o solo ao longo do tempo”, avalia.

## O que é?

O uso dos remineralizadores ou “rochagem” consiste na aplicação de rochas moídas e peneiradas na lavoura. Além de recuperar características físicas e químicas do solo, esses produtos facilitam a absorção de elementos vitais para as plantas. Sua ação só é possível se houver atividade biológica no solo, como por exemplo a ação das raízes das plantas. Como o próprio nome já indica, os remineralizadores reiniciam o processo de formação do solo utilizando minerais (rochas) que estejam dentro dos critérios estabelecidos pela legislação.



Eder Martins, da Embrapa: “pela primeira vez na história temos um marco legal completo”

# FAEP solicita mais recursos para seguro do trigo

Concentração de dinheiro para outras culturas pode colocar em risco o plantio do cereal



A FAEP pediu que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) estude o remanejamento de recursos para a subvenção ao prêmio do seguro rural de pelo menos R\$ 20 milhões exclusivamente para o trigo ainda no primeiro semestre. O objetivo é melhorar o equilíbrio na distribuição de subvenção para culturas de maior risco climático e evitando o endividamento de parte dos produtores rurais numa hipótese de ocorrência de problemas climáticos.

O seguro de trigo, que tem um risco maior que as demais atividades, está recebendo atualmente apoio menor em relação aos anos anteriores, o que poderá levar a inviabilidade de sua contratação pelo produtor, que sozinho não deve conseguir arcar com o prêmio médio bruto sem subvenção, próximo de 14% da Importância Segurada.

O Mapa estabeleceu na Resolução n.º 52, publicada no Diário Oficial da União em 1.º de fevereiro de 2017, o calendário de disponibilização dos recursos do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural para o primeiro se-

mestre de 2017. Foram orçados R\$ 80 milhões para milho de 2.ª safra, trigo e demais grãos de inverno como aveia, canola, cevada, centeio, sorgo e triticale. Além disso, R\$ 10 milhões para a subvenção ao prêmio do seguro rural de outras atividades como café, cana-de-açúcar, olerícolas, pecuária, florestas e aquícola.

Ainda utilizando o orçamento do ano anterior, foi disponibilizado em novembro de 2016 o valor de R\$ 23 milhões para o milho 2.ª safra plantado em 2017, o que elevou para R\$ 103 milhões o total para o cereal e culturas de inverno em 2017, representando 24,3% do total (R\$ 423 milhões), indicando uma concentração para o seguro de culturas de verão no segundo semestre, no qual o risco climático é muito menor. Os R\$ 103 milhões de subvenção são menores que o orçamento previsto ano passado, de R\$ 158 milhões, conforme a Resolução n.º 47, de 3 de março de 2016, do Mapa. Há uma concentração também na subvenção do seguro do milho 2ª safra, tendo em vista que a cultura é plantada em período anterior às culturas de inverno.

A Resolução n.º 46, de 3 de março de 2016, também estabeleceu nova regra prevendo a redução da subvenção ao prêmio do seguro de trigo ao produtor de 70% para 55%, em 2016, e para o ano de 2017, conforme a regra das demais culturas de grãos, com porcentual de 35%, 40% ou 45%, dependendo da faixa de cobertura do seguro.

## Risco

A expectativa da FAEP é que se não houver remanejamento de valores, não haverá subvenção ao prêmio do trigo em 2017. No Banco do Brasil, a maioria dos produtores foi direcionada para o Proagro, mas há uma gama de produtores que não utiliza crédito rural neste Banco, que fazem a safra de trigo com recursos próprios ou com outras formas de financiamento que não terão acesso ao Proagro e ao seguro rural.

Em 2016, foram contempladas 7.949 apólices de seguro rural de trigo, mas apenas 97 apólices foram aprovadas até 10 de abril no acumulado de 2017. No passado, foram liberados R\$ 42 milhões em subvenção ao prêmio do seguro rural do trigo e apenas R\$ 1,18 milhão em 2017, sendo que há ainda R\$ 310 milhões previstos para as culturas de verão e demais atividades no segundo semestre.

# GUERRA DA COREIA





## Disputa por áreas de influência entre EUA e a ex-União Soviética provocou o conflito, que dividiu a Coreia em duas. Mesmo com armistício, que colocou fim ao conflito em 1953, região vive em tensão permanente

O fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) colocou em lados opostos Estados Unidos e ex-União Soviética (URSS), até então aliados na luta contra a Alemanha nazista. A guerra fria entre as duas potências transformou o planeta em um tabuleiro de um jogo político, no qual os capitalistas norte-americanos e os comunistas soviéticos disputavam áreas de influência em vários cantos da Terra.

O primeiro grande confronto pós-Segunda Guerra, a Guerra da Coreia (1950-1953) é resultado desta queda de braço entre os EUA e a ex-URSS. Em 1945, os dois países dividiram a

Coreia em duas zonas de influência. O Norte ficou sob o domínio soviético enquanto o Sul foi ocupado pelos norte-americanos. O marco divisor é o Paralelo 38º, definido na Conferência de Potsdam, e válido até hoje.

Em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) tenta unificar a Coreia, mas a ação não é aceita pelos soviéticos. Em 9 de setembro de 1948, é criada a República Democrática Popular da Coreia, mais conhecida como Coreia do Norte. A tensão na fronteira entre as duas Coreias aumenta. Em 25 de junho de 1950, a Coreia do Norte alega uma suposta transgressão ao Paralelo 38º e invade o Sul. Em 3 de julho, o exército norte-coreano domina Seul, a capital do Sul. Os soviéticos dão apoio militar à ação.

Sob o comando do general norte-americano Douglas MacArthur, em setembro daquele ano tropas da ONU expulsam os socialistas, reconquistam Seul e avançam em direção à Coreia do Norte, dominando a capital Pyongyang. O exército norte-americano foge em direção à fronteira chinesa. A China envia 300 mil homens em apoio à Coreia do Norte. As tropas chinesas forçam o general MacArthur a recuar. Em

4 de janeiro de 1951 conquistam Seul, dominando o Sul.

Entre fevereiro e março, um novo avanço dos norte-americanos faz as tropas chinesas e norte-coreanas deixarem Seul e as obriga a retornar ao Paralelo 38º. A guerra se prolongou por mais dois anos. Oficialmente, as tropas da ONU tiveram 118.515 mortos (70 mil sul-coreanos, 33.729 norte-americanos e 4.786 de outras nacionalidades), além de 264.581 feridos. Estima-se que as baixas entre norte-coreanos e chineses cheguem a 1,6 milhão.

Em 27 de julho de 1953, é assinado o Armistício de Panmunjon. É criada uma região desmilitarizada entre as duas Coreias. A fronteira estabelecida em 1948 é mantida. Após a assinatura do acordo de paz, a Operação Glória (entre julho e novembro de 1954) garantiu a troca dos corpos dos soldados e guerrilheiros mortos em território adversário. Em 2013, a Coreia do Norte decidiu rejeitar o armistício. A tensão na região permanece até hoje. As recentes ameaças dos norte-coreanos de lançarem mísseis nucleares fazem o mundo temer uma nova guerra.

# Capacitação na agricultura familiar

Pequenos produtores de Assaí buscam cursos para melhorar a produção em suas propriedades

Por Hemely Cardoso



O casal Helena Nakashima e Jacinto Iwata aposta na produção de uva Rubi

A agricultura é a base da economia de Assaí, no Norte Pioneiro do Paraná, com pouco mais de 16 mil habitantes, segundo o relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016. Nas décadas de 1960 e 1970, o município era o eldorado do algodão no país, mas devido à entrada da praga conhecida como bicudo os campos brancos perderam espaço para as lavouras de soja, milho, trigo e o cultivo de frutas e hortaliças. Em 2015, o Valor Bruto da Agropecuária (VBP) atingiu R\$ 156,4 milhões na região, sendo que a hortifruticultura respondeu por R\$ 10 milhões, de acordo com dados do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab).

# 1,1 mil

É a quantidade de produtores rurais em Assaí, segundo levantamento da Emater

O casal de produtores rurais Jacinto Iwata, 67 anos, e Helena Satie Nakashima, 66 anos, vem apostando no cultivo de frutas e olerícolas na sua propriedade. Nos arredores das lavouras de milho, na Secção Paineiros (como a área rural do município é dividida), a 20 quilômetros de Assaí, eles cultivam goiaba, uva, alface, rúcula e criam frango caipira numa área de 12 hectares. De olho no mercado e com foco no aumento da produtividade e rentabilidade, Jacinto fez mais de 20 cursos do SENAR-PR, entre eles, o Programa Empreendedor Rural (PER) e de Olericultura. “Graças à capacitação conseguimos aumentar a nossa produtividade e reduzir os custos com mão de obra em 30%. Temos sempre que buscar e reciclar conhecimento para não ficar fora do mercado”, avalia o produtor.

Hoje, o carro-chefe de vendas do casal é a uva de mesa da variedade Rubi, com uma produção de 15 mil quilos na safra passada. Além disso, uma vez por semana, todas as quartas-feiras, os produtores comercializam verduras fresquinhas em uma feira no Centro de Assaí. Helena é a encarregada pela preparação dos vegetais. Ela colhe, lava e embala os produtos um dia antes do evento.

Entre um curso e outro do SENAR-PR, os produtores frequentaram juntos as aulas do PER em 2015. Ao longo do curso, realizaram um projeto para expandir a produção de frango caipira e construir uma cozinha industrial para o abate, de acordo com as normas da Vigilância Sanitária. “Já construímos o galinheiro e só não implantamos a cozinha porque o banco ainda não liberou o nosso financiamento. Mas até o final do ano iremos construí-la”, afirma Jacinto.

Em Assaí, outra produtora rural que vem buscando qualificação nos cursos do SENAR-PR é Clelsa Bauduíno Ferraz, 61 anos. No currículo também acumula mais de 20 cursos, como o PER, De Olho na Qualidade, Compotas e Conservas, Mandioca e Olericultura.

Na Chácara Maracatu, a dois quilômetros do município, ela cultiva couve, maracujá e cebolinha numa área de 3,6 hectares. Diferente da maioria da população local, Clelsa deixou a cidade para morar na roça há 15 anos. No início, vendia a couve em folhas e teve a ideia de picá-las durante o curso do PER, em 2010. Ao longo do treinamento fez um empréstimo de R\$ 12 mil pela linha do Pronaf, no Banco do Brasil (BB), para ampliar a sua cozinha e investiu R\$ 2,3 mil numa máquina para cortar a couve.

Atualmente, Clelsa entrega 40 bandejinhas (com 130 gramas) embaladas duas vezes por semana, em dois supermercados de Assaí. “Com a nova estrutura consegui au-

**“Com a nova estrutura consegui  
aumentar a minha renda e melhorar a  
qualidade de vida. Aprendi a colocar  
todos os custos e a rentabilidade na  
ponta do lápis”**

*Clelsa Bauduíno Ferraz, produtora rural*



*Clelsa Bauduíno Ferraz buscou qualificação no SENAR-PR*



Julio Severino da Silva e sua horta em sistema de mandala

mentar a minha renda e melhorar a qualidade de vida. Aprendi a colocar todos os custos e a rentabilidade na ponta do lápis. Os cursos são fundamentais para melhorar o nosso dia a dia”, destaca a produtora.

O vigia noturno e produtor rural Júlio Severino da Silva, 49 anos, melhorou o desempenho na horta em sistema mandala (com canteiros circulares que não precisam de uma grande área) de cenoura, berinjela, pimentão, pimenta, cebolinha, inhame, jiló, batata doce, mandioca, laranja, tangerina e framboesa na Vila Rural das Rosas, propriedade com menos de um hectare.

Em fevereiro deste ano, ele concluiu um dos cursos que integram o Programa HortiMais – Planejamento da Produção, do Plantio à Comercialização. “Mudei totalmente o meu sistema de adubação por causa do curso. Dessa forma, minha produtividade aumentou e estou trabalhando para a produção de orgânicos”, conta Júlio.

Ele e a esposa, Loide da Silva, comercializam os produtos na feira de Assaí. Durante o dia, Júlio se dedica ao manejo da horta e, no período da noite, trabalha como guarda noturno na rodoviária da cidade. “O ritmo é puxado, durmo uma média de duas horas por noite. Mas vale a pena porque gosto de mexer com a terra”, revela Silva.

Além do curso do Programa HortiMais, Júlio fez o de Turismo Rural e no mês que vem começa o PER. “Não tem jeito, sempre temos que correr atrás de informação”, ressalta.

## HortiMais

Em 2014, o SENAR-PR lançou 13 novos módulos nos cursos direcionados à olericultura, por meio de parcerias com instituições públicas e privadas.

**Confira o programa com os módulos e 516 horas de treinamento**

1. Implantação de Boas Práticas Agrícolas;
2. Planejamento de Produção;
3. Caracterização e Conservação de Solos;
4. Nutrição de Plantas;
5. Qualidade de Água, Métodos e Manejo de Irrigação;
6. Pragas e Inimigos Naturais;
7. Identificação e Controle de Doenças;
8. Controle Biológico e MIP;
9. Cultivo em Ambiente Protegido/ Filmes Plásticos;
10. Hidroponia;
11. Cultivo de Minitomates em Ambiente Protegido;
12. Colheita e Pós-colheita;
13. Gestão de Custos.



## LEITOR EM FOCO

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br) com seu nome e endereço.



**Amigos** - A leitora Clélia flagrou a amizade entre o coelho Romeu e a cachorrinha Bolinha e mandou para a gente. A foto foi tirada em Curiúva.



**Gato camaleão** - A leitora Keli Camana, de Matelândia, enviou esta foto que demonstra o poder de camuflagem de alguns felinos.



## INFORME

Veja também no site  
[www.fundepecpr.org.br](http://www.fundepecpr.org.br)

### FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/03/2017

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS
	1-13	14						
Saldo C/C	283,24	-	-	25,86	-	-	309,10	
Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	37.749.245,75	-	2.341.952,64	44.388.631,45	
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.917.251,36	-	181.518,99	16.269.658,19	
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.806.037,60	-	-	7.630.572,23	
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	149.734,21	-	-	227.056,99	
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	14.714,14	-	-	20.552,75	
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	187.568,15	-	-	271.576,06	
Pgto. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	(141.031,00)	
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)	
Rest. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	141.031,00	
<b>TOTAL</b>	<b>20.744.465,24</b>	<b>4.624.105,00</b>	<b>141.031,00</b>	<b>45.963.258,16</b>	<b>542.225,27</b>	<b>2.664.502,63</b>	<b>77.567,43</b>	
<b>SALDO LÍQUIDO TOTAL</b>							<b>68.730.789,34</b>	

Ágide Meneguette  
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi  
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt  
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/O-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

# Parceria e tecnologia

Criação de Parque de Agroinovação, em Paranavaí, pode impulsionar a cadeia produtiva da mandioca e de citros



Uma iniciativa que reúne entidades públicas e privadas vai acelerar o processo de desenvolvimento tecnológico na região Noroeste do Paraná. Está previsto para maio deste ano um seminário para discutir o modelo de governança, que será adotado na construção do Parque Tecnológico de Agroinovação, em Paranavaí, e terá foco nas culturas da mandioca e de citros.

A iniciativa, que conta com o apoio de diversas entidades, entre elas o SENAR-PR e o Sindicato Rural de Paranavaí, pretende aproveitar as potencialidades já existentes na região para dinamizar ainda mais estas duas cadeias produtivas, atraindo empresas e gerando sinergia entre seus diversos atores, produzindo conhecimento tecnológico e renda.

A proposta faz parte da política estadual de criação

**53%**  
**da produção**

de laranjas do Paraná são  
colhidas na região de Paranavaí

de parques tecnológicos, coordenada pelas secretarias estaduais da Ciência e Tecnologia e da Fazenda, lançada no ano passado. A criação destes parques tem como função incentivar as parcerias entre universidades, centros de pesquisa, indústrias e produtores rurais para o desenvolvimento de novas tecnologias e novos negócios.

A escolha da região que deveriam abrigar este parque tecnológico deve-se à vocação do Noroeste para estas culturas. A região responde por 34% da produção de mandioca do Estado. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), a produção do núcleo de Paranavaí prevista para este ano é de 950 mil toneladas da raiz. No Paraná, a previsão é de um total de 2,8 milhões de toneladas.

A região também conta com um parque industrial consolidado, responsável pela maior produção de fécula do país. Segundo o presidente do Sindicato das Indústrias de Mandioca do Paraná (Simp), João Eduardo Pasquini, das 85 fecularias ativas no Brasil, 45 estão no Paraná, que responde por 70% da produção nacional de fécula. Apenas a região Noroeste produz 40% do total nacional. “A relevância do Noroeste no setor de amido é muito grande”, afirma. Na opinião de Pasquini, com o Parque Tecnológico de Agroinovação seria possível desenvolver novos produtos com o amido, além de alimentos, como medicamentos, álcool para perfumaria e outros.

Na área dos citros, o Noroeste se destaca com 53% da produção de laranjas do Estado, com Paranavaí respondendo por 20% das frutas. A região também possui indústrias de grande porte na área de sucos.

**“É um habitat de inovação, que reúne universidades, empresas de tecnologia, centros de pesquisa e diversos outros serviços e facilidades que aceleram o desenvolvimento tecnológico, a geração e atração de empresas”**

*Tadeu Filismino,  
diretor de inovação do Iapar*



Ivo Pierin: “Modelo de parques tecnológicos vem dando certo em diversos países”

## Pesquisa

Outra vantagem competitiva de Paranavaí está na presença de instituições de pesquisa, como o Instituto Agromônico do Paraná (Iapar), o Centro Tecnológico da Mandioca (Cetem), que atua na produção de novas tecnologias para a produção e processamento da raiz, a Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR).

De acordo com o coordenador do Cetem, Claodemir Grolli, diversas pesquisas que já vem sendo desenvolvidas pelo centro poderão ser ampliadas com a criação do Parque Tecnológico de Agroinovação. Atualmente, temas como o plantio direto da mandioca, o Manejo Integrado de Pragas (MIP), mecanização, busca de novas variedades e novas aplicações industriais para o amido de mandioca já são pesquisados na região. “Vai contemplar desde a agricultura até o mercado”, observa.

# 40% da produção

brasileira de fécula de  
mandioca são produzidas na  
região de Paranavaí

Segundo Grolli, o Parque de Agroinovação funcionaria como uma espécie de “shopping center tecnológico”, que reuniria num só lugar laboratórios, incubadoras de empresas, instituições de pesquisa e outras entidades que poderiam fornecer assessoria gerencial e tecnológica para aqueles que tivessem interesse de investir. O governo do Estado deve fomentar esse processo por meio de uma política de incentivos fiscais, cujo modelo final ainda está em discussão.

Para o diretor de inovação do Iapar, Tadeu Filismino, trata-se de um espaço físico que reúne os diversos parceiros de uma cadeia produtiva com foco na pesquisa. “Acima de tudo é um habitat de inovação, que reúne universidades, empresas de tecnologia, centros de pesquisa e diversos outros serviços e facilidades que aceleram o desenvolvimento tecnológico, a geração e atração de empresas”, diz.

Na sua opinião, a região de Paranavaí possui o melhor “cluster” empresarial organizado do mundo em mandioca. A afirmação de Filismino refere-se à visita de uma comitiva

francesa, realizada em dezembro do ano passado, cujos integrantes ficaram impressionados com a organização do setor. “Esse processo teve uma contribuição muito grande da FAEP, pois a base desse trabalho é o sindicato rural”, avalia.

Segundo o presidente do Sindicato Rural de Paranavaí e vice-presidente da FAEP, Ivo Pierin Júnior, o setor produtivo da mandioca é conhecido nacional e internacionalmente. No ano passado, o município sediou a Feira Internacional da Mandioca (Fiman). “Esse é o local adequado para um empreendimento como esse”, afirma.

Na opinião de Pierin, com o advento do parque, muitas empresas incubadas poderiam vir a utilizar o amido de mandioca como matéria-prima para outros produtos, agregando valor à produção e fortalecendo a cadeia produtiva. “Esse modelo de parques vem dando certo em muitos países”, observa.

De acordo com o dirigente, neste processo o SENAR-PR poderá ter um papel importante na construção de uma nova mentalidade entre os mandiocultores. “O SENAR-PR pode, por meio de alguma capacitação na área da economia, tirar a cultura da mandioca do sistema especulativo, no qual todo mundo trabalha à mercê do mercado”, avalia. O sobe e desce do preço das raízes poderia ser menor com planejamento e diálogo entre produtores e indústrias. “Se racionalizar a oferta, você diminui essas variações e todos ganham.”

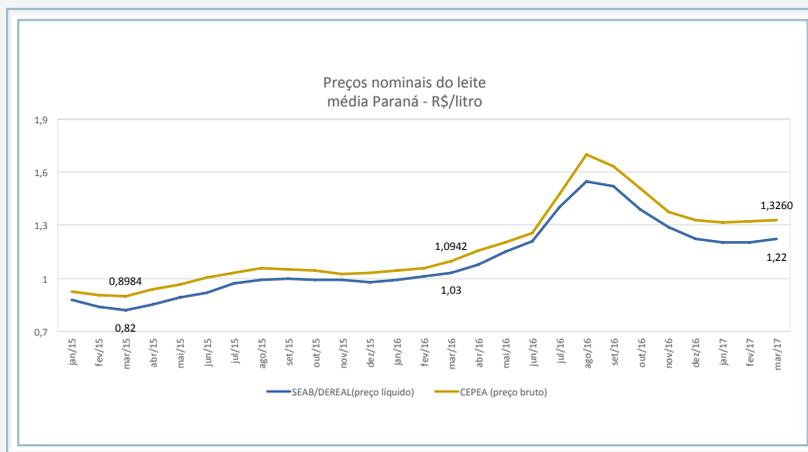


Cadeia produtiva do amido de mandioca tem grande potencial para inovação

# Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

## RESOLUÇÃO Nº 4/2017

A diretoria do Conseleite-Paraná, reunida no dia 18 de abril de 2017, na sede da FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em março de 2017 e a projeção dos valores de referência para o mês de abril de 2017, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



## VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - MARÇO/2017

Matéria-prima	Valor projetado em março/2017	Valor final em março/2017	Diferença (final-projetado)
Leite PADRÃO	(leite entregue em abril a ser pago em maio) 1,0452	(leite entregue em abril a ser pago em maio) 1,0572	0,0120

## VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - MARÇO/2017 E PROJETADOS ABRIL/2017

Matéria-prima	Valor final em março/2017	Valor projetado para abril/2017	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	(leite entregue em abril a ser pago em maio) 1,0572	(leite entregue em abril a ser pago em maio) 1,1012	0,0440

**Observações:** Os valores de referência indicados nesta resolução para a matéria-prima leite denominada "Leite Padrão", se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de abril de 2017 é de **R\$ 2,3485/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: [www.conseleitepr.com.br](http://www.conseleitepr.com.br)

Curitiba, 18 de abril de 2017

**RONEI VOLPI** Presidente | **WILSON THIESEN** Vice - Presidente

# Geleias e conservas tipo exportação

Casal de Rolândia começou negócio produzindo doce com abóbora doada por agricultor. Produtos buscam conquistar mercados estrangeiros

Por Hemely Cardoso



Anete Barison Dal Sasso: da garagem de casa para a produção em grande escala

Os tempos difíceis, após a falência da fábrica de malhas em 2001, obrigaram o casal Anete Barison Dal Sasso e Ildo Dal Sasso (falecido em 2007), de Rolândia, no Norte do Paraná, a procurar uma nova fonte de renda. Sem muitas opções, eles arregaçaram as mangas e decidiram apostar na produção de geleias e conservas. O início modesto, com apenas sete quilos de abóbora doados por um amigo agricultor, se transformou numa produção em grande escala. “Foi por necessidade mesmo que colocamos em prática as receitas de geleias que aprendemos com nossos avós europeus”, revela Anete.

A trajetória do casal Dal Sasso começou na garagem da antiga casa em Rolândia, num espaço de 21 m<sup>2</sup>. “Como o lugar era muito pequeno a sensação era de um

calor de 60 graus”, recorda a empresária. Anete conta que, na época, não tinha nenhuma experiência na área. Ela e o marido foram buscar assistência na Emater. Nas reuniões com os técnicos da instituição, lembra Anete, eles foram questionados por que gostariam de investir na produção de geleias e conservas, uma vez que o consumo era muito baixo no Brasil. Diante da pergunta, Ildo respondeu: “Porque os consumidores ainda não conheceram o nosso produto. Se vamos produzir geleias e conservas faremos os melhores produtos.”

Na época, o casal também fez o curso Compotas e Conservas do SENAR-PR. “A capacitação foi fundamental para aprendermos a esterilizar o vidro e o bê-á-bá sobre a conservação dos produtos”, afirma Anete.

A falta de experiência não impediu que fossem testando receitas e desenvolvessem conservas e geleias elaboradas com ingredientes diferentes. É o caso da geleia de caipirinha. “Após dez tentativas, e com a ajuda de um estagiário da área de Engenharia de Alimentos, nós conseguimos acertar o ponto do doce”, lembra Anete.

Em 2005, a geleia caiu no gosto do consumidor, inclusive do então ministro da Cultura, Gilberto Gil. “Minha sobrinha trabalhava no ministério e levou o doce para dar de presente pra ele. Depois disso, recebemos um telefonema do Ministério das Relações Exteriores para mandarmos a geleia de caipirinha para a França, durante as comemorações do Ano do Brasil por lá”, recorda a empresária.

Ao longo dos anos o casal conquistou o mercado, ampliou a produção e participou de diversas feiras no Paraná, assim como em outros estados. “Após seis anos, mesmo diante das dificuldades, tivemos muita força de vontade e fomos colocando novos produtos no mercado”, conta ela, acrescentando que um grupo de 18 produtores rurais fornecia as matérias-primas.

Entre os produtos elaborados pelo casal, o relish (feito com os legumes finamente fatiados e com sabor agridoce) de pepino, uma receita ucraniana, é um dos carros-chefes nas vendas. “Há alguns anos estava participando de uma feira em Cornélio Procópio e uma senhora, de origem ucraniana, provou o nosso relish e não parava de chorar. Preocupada, perguntei a ela o que estava acontecendo, a qual me respondeu: ‘Esse relish lembra a minha infância, o sabor é igual ao que minha mãe fazia na Ucrânia’. Isso é muito emocionante para gente e certamente é motivador para buscar novas receitas e sabores”, relata.

## Expansão

O que começou com 15 vidros de doce da fruta expandiu para a fabricação de 48 produtos, entre geleias, conservas, patês e molhos. A marca “Duga Produtos Naturais” conquistou mercados em todo o país e, a partir do ano que vem, será conhecida em terras estrangeiras. No final do ano passado, foi vendida para uma empresa de alimentos de Londrina, que pretende expandir a atual produção de 3 mil potes por mês para 1,5 mil por dia e exportar para a Europa. Geleia de mexerica, relish de pepino, berinjela picante, doce de abacaxi baiano, patê de alho e indiano estão entre os principais produtos vendidos pela marca.

Aos 74 anos, Anete continua testando receitas e ingredientes. Além do relish do pepino, segundo a empresária, o de carambola é uma invenção própria que surgiu a partir de uma simples sa-

# 7 quilos

De abóboras doadas por um amigo agricultor foram usados pelo casal Anete Barison Dal Sasso e Ildo Dal Sasso para começar a produção de geleias

lada com a fruta. Ela acredita que a receita da carambola seja a única no mundo.

Apesar da marca Duga ter sido vendida, ela vai permanecer como parceira da empresa. “Em breve iremos lançar novos produtos”, revela. De acordo com ela, durante a última ExpoLondrina, que ocorreu de 30 de março a 9 abril, testou uma nova invenção da sua cozinha, o molho de uva. “O produto fez o maior sucesso entre o público masculino porque harmoniza com carnes assadas e churrasco”, orgulha-se.

Anete ainda não calculou o volume de produtos comercializado durante a feira, mas normalmente vende mais de mil potes nesses eventos. “É uma boa forma de divulgar a marca e mostrar a qualidade.” Hoje, a Duga é vendida em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia. Quando se trata do mercado externo, ela avalia: “Esse era o sonho do meu marido, que a Duga chegasse lá fora.”





# Fronteira quase fechada

## Picos tarifários diminuem mercado para produtos do agronegócio brasileiro nos Estados Unidos

Apesar da representatividade do Brasil e Estados Unidos nas exportações mundiais, o comércio bilateral entre as duas nações é pequeno, quase nulo. Isso ocorre em função, principalmente, dos chamados picos tarifários, que podem alcançar 350%, colocados pelos norte-americanos, conforme o estudo “Barreiras Comerciais: Análise dos Picos Tarifários dos Estados Unidos e o Agronegócio Brasileiro”, elaborado pela Superintendência de Relações Internacionais (SRI) da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

O documento mostra como os picos tarifários diminuem a atuação dos produtos do agronegócio brasileiro nos Estados Unidos. Em alguns casos, entretanto, as tarifas aplicadas aos produtos agrícolas podem atingir níveis extremos, criando entraves ao comércio bilateral. “Essas tarifas eleva-

das fazem com que os produtos brasileiros percam competitividade por duas razões principais: forte produção interna dos EUA, que concorre com a brasileira, e a concorrência de países com os quais os americanos possuem acordos de livre comércio, dando-lhes vantagem competitiva com tarifas mais baixas”, destaca trecho do documento.

O estudo da CNA analisou oito grupos de produtos: carnes bovinas e de peru, lácteos, frutas, amendoim, cachaça e rum, açúcar de cana e beterraba, óleo de soja e tabaco. Apenas no tabaco e cachaça/rum o Brasil tem uma participação maior nas importações norte-americanas em relação a mundial. No restante, o índice é bem menor, chegando a ser menor que 1% nas carnes bovinas e de peru, lácteos, amendoim e óleo de soja.



## Produtos

No segmento de carne de peru, o Brasil é o segundo maior exportador mundial, atrás somente dos Estados Unidos, com fatia de 27% do mercado global. A grande produção de carne de peru nos Estados Unidos e as tarifas que chegam a 15,17% reduzem a competitividade das exportações brasileiras, ao ponto de não haver registro de vendas para os norte-americanos.

O leite integral ou parcialmente desnatado em pó não adoçado, produto lácteo mais exportado do Brasil, enfrenta tarifas ainda maiores, 17,5%. Desta forma, os Estados Unidos protegem o mercado e limitam a possibilidade de aumento das importações. No leite condensado adoçado, o pico tarifário é de 23,35%, o que explica o baixo valor de comércio.

As exportações de frutas e derivados registram uma rápida expansão no Brasil. No entanto, produtos como melões e suco de laranja enfrentam duas barreiras tarifárias que dificultam a competitividade no mercado norte-americano: picos tarifários sazonais e alta concorrência de países com os quais os Estados Unidos mantêm acordos de livre comércio.

Os dois países são os maiores produtores de soja do mundo. Para proteger a sua indústria doméstica, os Esta-

dos Unidos aplicam tarifa de 19,1% ao óleo de soja brasileiro, enquanto para países como Canadá e México, a tarifa é 0%. Essa condição de livre comércio e a facilidade logística tornam estas nações os principais fornecedores para norte-americanos.

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de açúcar bruto. No entanto, apenas 1% é exportado para os Estados Unidos, terceiro maior mercado de importação no mundo. Os norte-americanos impõem uma cota global sobre as importações do produto – bruto, refinado, xaropes de açúcares e produtos que contenham açúcar. Apenas 1,4 milhão de toneladas de açúcar bruto pode ser importada pelos norte-americanos com tarifa entre zero e 2%. Alcançada a cota, um pico tarifário de 25,71% é aplicado às importações.

Para a CNA, por meio do estudo, o Brasil precisa avançar nas negociações de acordos comerciais como forma de melhorar ainda mais a posição como exportador de produtos agropecuários. Ainda, é preciso desenvolver uma estratégia de ações nos Estados Unidos, entre setor privado e governo, para coordenar uma agenda que promova temas diversos de comércio, investimento, pesquisa e desenvolvimento, serviços que elevem o relacionamento entre os dois países.

## Posse em Rondon

O Sindicato Rural de Rondon empossou sua nova diretoria no dia 10 de março. O presidente Irmal Basso foi reconduzido ao cargo na chapa que tem como vice-presidente Dirceu Borges Monteiro, como secretário Wagner José Ferreira e Orlando José Canali como tesoureiro. A nova diretoria do sindicato foi eleita em dezembro do ano passado e deverá comandar a entidade até 30 de janeiro de 2020. O vice-presidente do Sistema FAEP/SENAR e presidente do Sindicato Rural de Astorga, Guerino Guadalini, deu posse à nova diretoria. O evento foi acompanhado por cerca de 200 pessoas, entre produtores e autoridades.



## Piso regional para 2017

O governo estadual publicou no dia 12 de abril, no Diário Oficial, o novo valor para o piso salarial do trabalhador rural. O Decreto n.º 6.638 reajustou o piso para R\$ 1.223,20. O aumento tem validade a partir do dia 1.º de abril de 2017, conforme o artigo 2.º do Decreto 18.766, de 1.º de maio de 2016. O valor só tem validade para empregados que não tenham piso salarial definido em Convenção ou Acordo Coletivo de Trabalho.

## Abril verde

No dia 26 de abril está programada uma série de atividades e exposições na Boca Maldita, em Curitiba, com o objetivo de sensibilizar a sociedade para a importância do desenvolvimento de uma cultura de prevenção de acidentes e doenças do trabalho. A mobilização conta com o apoio da FAEP e faz parte da Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho (Canpat). Lançada pelo Ministério do Trabalho, no dia 11 de abril, a Canpat integra o movimento Abril Verde, conjunto de ações realizadas pela sociedade para dar visibilidade ao tema da segurança e saúde no trabalho.



## Conseleite

No dia 18 de abril, representantes da Comissão Técnica de Bovinocultura de Leite se reuniram na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba. O tema central do encontro foi a metodologia do Conseleite Paraná. “Nós já temos uma boa organização, mas queremos deixá-la melhor ainda”, disse Ronei Volpi, presidente do Conseleite, acrescentando que o site do conselho está de cara nova. Acesse: [conseleitepr.com.br](http://conseleitepr.com.br).

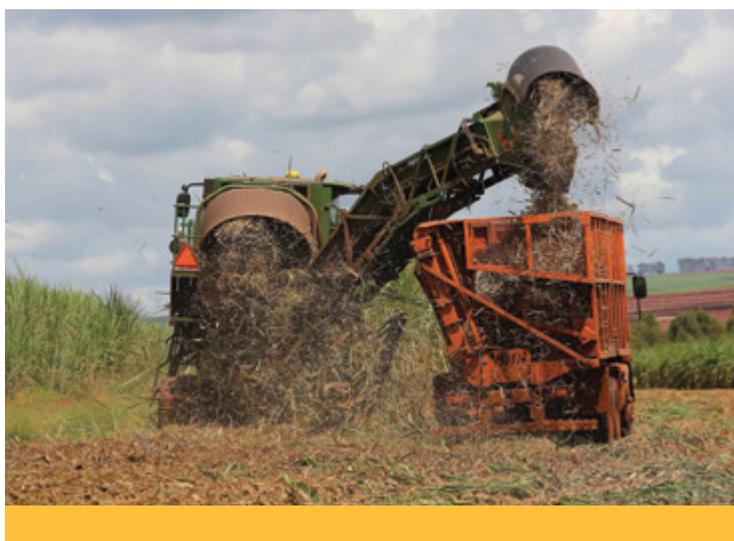


## Pecuária Moderna

No dia 20 de abril, 20 técnicos participaram da aula inaugural do Programa de Qualificação de Técnicos em Bovinocultura de Corte, em Santo Antônio da Platina, no Norte Pioneiro do Paraná. O treinamento tem 160 horas e é dividido em dez módulos. O primeiro deles, “Projetos de desenvolvimento para as propriedades rurais cadastradas no Programa Pecuária Moderna”, será realizado nos dias 27 e 28 de abril, no mesmo município.

## Cana, açúcar e álcool

A Conab estima que a produção de cana no Brasil deve chegar a 694 milhões de toneladas em 2017, um aumento de 4% em relação à safra anterior. Em 2016, a produção faturou R\$ 52 bilhões no país. Extraído da cana, a produção de açúcar no país deve crescer 18% em relação ao ano anterior, chegando a 39 milhões de toneladas produzidas. O Brasil é o maior produtor e exportador de açúcar no mundo. Também derivado da cana, o álcool usado como combustível deve ficar em 27 bilhões de litros, recuando cerca 8% em relação a 2016.





CIANORTE

## APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, entre os dias 13 e 15 de fevereiro, o curso Aplicação de Agrotóxicos – Costal Manual. Participaram dez trabalhadores rurais com o instrutor Jair Telles de Proença.



SÃO MATEUS DO SUL

## DERIVADOS DE MILHO

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul promoveu, nos dias 29 e 30 de março, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Derivados de Milho. Participaram 13 pessoas com a instrutora Joelma Kapp.



GUARAPUAVA

## COMUNICAÇÃO

O Sindicato Rural de Guarapuava promoveu, nos dias 28 e 29 de março, o curso de Comunicação e Técnicas de Apresentação. Participaram 17 pessoas com o instrutor Josias Schulze.



CIANORTE

## TRATORISTA

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, entre os dias 13 e 17 de fevereiro, o curso Tratorista Agrícola – Polivalente – Intermediário. Participaram 11 trabalhadores rurais com o instrutor Lucas David Schemberger.



CAMPO MOURÃO

## MANDIOCA

O Sindicato Rural de Campo Mourão promoveu, nos dias 31 de março e 1.º de abril, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca – Básico em Mandioca. Participaram 16 pessoas com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.



CIANORTE

## CANA-DE-AÇÚCAR

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, no dia 22 de fevereiro, o curso Plantio – Cana-de-Açúcar. Participaram 24 trabalhadores rurais com a instrutora Elizângela Cristina Caparroz.



CIANORTE

## CARGAS INDIVISÍVEIS

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, promoveu, entre os dias 13 e 17 de fevereiro, o curso Condutores de Veículos – Detran – Veículo de Transporte Rodoviário – Cargas Indivisíveis. Participaram 24 trabalhadores rurais com o instrutor Gentil Telles de Proença.

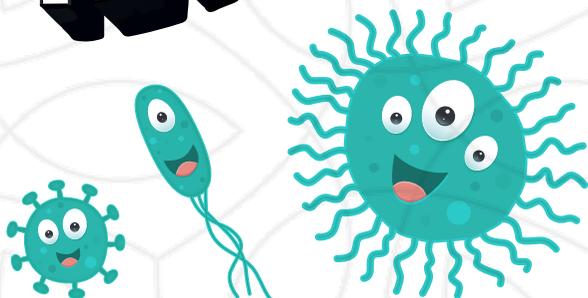


CAMPINA DA LAGOA

## MANDIOCA

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa promoveu, nos dias 3 e 4 de abril, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca – Básico em Mandioca. Participaram 14 produtoras e trabalhadoras rurais com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.

# VIA RÁPIDA



## Perfume de rejeitos

O uso de micro-organismos modificados geneticamente, que crescem se alimentando de rejeitos agrícolas, pode ser a nova aposta da indústria de cosméticos brasileira. As leveduras, semelhantes às que fermentam bebidas, carregam o DNA de orquídeas e outras plantas da Mata Atlântica. Elas poderiam ser exploradas por empresas de diversos ramos que mantêm áreas de matas preservadas como contrapartida para ter acesso ao uso de solo. A expectativa dos pesquisadores é que o micro-organismo possa gerar lucro às empresas, criando um novo nicho de mercado.

## O solícito

Um jovem executivo estava saindo do escritório quando vê o presidente da empresa em frente da máquina de picotar papéis, com um documento na mão.

**Presidente:** — Por favor, isto é muito importante e minha secretária já saiu. Você sabe como funciona esta máquina?

**Jovem executivo:** — Lógico

Louco para mostrar eficiência ao chefe, ele liga a máquina, enfia o documento e aperta um botão.

**Presidente:** — Excelente. Muito obrigado. Eu só preciso de uma cópia.



## O bondoso

Joãozinho entra em casa esbafoado:

— Mãe, mãe, me dá cinco reais pra eu dar pro tio ali na rua.

Orgulhosa, ela dá o dinheiro ao filho e pergunta:

— Para qual tio você vai dar o dinheiro, meu anjo?

— Para aquele ali que está gritando “olha a pipoca quentinha”.

## O mês do leão

O mês de abril vai terminando e com ele o prazo para a maior parte dos brasileiros entregar a declaração do Imposto de Renda (28 de abril). Criado para ficar com um naco da renda anual dos cidadãos e das empresas do país, o IR foi instituído no Brasil em 1922, por meio da Lei 4.625. Antes, tivemos o Imposto sobre Vencimentos, criado em 1843, mas que não teve vida longa, o Imposto sobre Dividendos e o Imposto sobre os Lucros. Atualmente, o IR é a maior fonte de arrecadação entre os tributos do país. Neste ano, a estimativa da Receita Federal é que 30 milhões de contribuintes (pessoa física) entreguem suas declarações.

O imposto é cobrado ou pago mensalmente e no ano seguinte o contribuinte prepara uma declaração de ajuste anual de quanto deve do imposto ou se tem restituição de valores pagos a mais. O perigo é cair na malha fina e ter de prestar contas ao leão.





**“O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da velhice. Colhe, pois, a sabedoria. Armazena suavidade para o amanhã.”**

**Leonardo da Vinci (1452-1519),** pintor, escultor e inventor italiano.

## Mãe de todas as bombas

Os Estados Unidos anunciaram recentemente que lançaram sobre o Afeganistão seu artefato de guerra mais poderoso. A Moab, cuja a sigla traduzida para o português explica um pouco da fama: explosão aérea de imenso poder de fogo, pesa dez toneladas e mede aproximadamente dez metros de comprimento e é capaz de devastar uma área de um quilômetro em torno do epicentro da explosão. Projetada pelos norte-americanos durante a invasão do Iraque, em 2003, a Moab foi usada oficialmente apenas no dia 12 de abril de 2017 para destruir túneis utilizados por integrantes do Estado Islâmico. A superbomba é montada sobre trilhos no porão de um avião de carga C-130. Quando a aeronave está sobre o alvo, sua porta traseira se abre e a Moab é lançada. Ela guiada por GPS para garantir a precisão e explode a 1,8 metro do chão, garantindo um efeito destrutivo maior.



## Carlitos, o imortal

Carlitos (The Tramp) é um dos personagens mais famosos do cinema e faz parte do imaginário popular ainda hoje. Criado pelo ator e diretor inglês Charles Chaplin (1889-1977), ele aparece pela primeira vez na curta-metragem “Kid Auto Races at Venice” (“Corrida de Automóveis para Meninos”), de 1914. No dia 18 de abril, um grupo de 662 pessoas fantasiadas como Carlitos se reuniu para celebrar o personagem imortalizado por Chaplin e os 128 anos do nascimento do ator. O encontro de Carlitos foi em Corsier-sur-Vevey, cidade onde Chaplin morreu, em 1977.



## UMA SIMPLES FOTO



# ENSINAMENTOS DE ANTIGAMENTE

Minha mãe ensinou a **VALORIZAR O SORRISO...** “Me responde de novo e eu te arrebento os dentes!”

Minha mãe me ensinou a **RETIDÃO...** “Eu te ajeito nem que seja na pancada!”

Minha mãe me ensinou a **DAR VALOR AO TRABALHO DOS OUTROS...** “Se você e seu irmão querem se matar, vão pra fora. Acabei de limpar a casa!”

Minha mãe me ensinou o que é **MOTIVAÇÃO...** “Continua chorando que eu vou te dar uma razão verdadeira para você chorar!”

Minha mãe me ensinou habilidades como **VENTRÍLOCO...** “Não resmungue! Cala essa boca e me diga por que é que você fez isso?”

Minha mãe me ensinou a **CONTRADIÇÃO...** “Fecha a boca e come!”

Minha Mãe me ensinou sobre **ANTECIPAÇÃO...** “Espera só até seu pai chegar em casa!”

Minha Mãe me ensinou sobre **PACIÊNCIA...** “Calma! Quando chegarmos em casa você vai ver só...”

Minha Mãe me ensinou a **ENFRENTAR OS DESAFIOS...** “Olhe para mim! Me responda quando eu te fizer uma pergunta!”

Minha Mãe me ensinou sobre **RACIOCÍNIO LÓGICO...** “Se você cair dessa árvore vai quebrar o pescoço e eu vou te dar uma surra!”

Minha Mãe me ensinou sobre **GENÉTICA...** “Você é igualzinho ao seu pai!”

Minha Mãe me ensinou sobre minhas **RAÍZES...** “Tá pensando que nasceu de família rica é?”

Minha mãe me ensinou **LÓGICA E HIERARQUIA...** “Porque eu digo que é assim! Ponto final! Quem é que manda aqui?”

Minha mãe me ensinou **RELIGIÃO...** “Melhor rezar para essa mancha sair do tapete!”

Minha mãe me ensinou o **BEIJO DE ESQUIMÓ...** “Se rabiscar de novo, eu esfrego seu nariz na parede!”

Minha mãe me ensinou **CONTORCIONISMO...** “Olha só essa orelha! Que nojo!”

Minha mãe me ensinou **DETERMINAÇÃO...** “Vai ficar aí sentado até comer toda comida!”

Minha mãe me ensinou a **TER GOSTO PELOS ESTUDOS...** “Se eu for aí e você não tiver terminado essa lição, você já sabe!”

Minha mãe me ajudou na **COORDENAÇÃO MOTORA...** “Junta agora esses brinquedos! Pega um por um!”

Minha mãe me ensinou os **NÚMEROS...** “Vou contar até dez. Se esse vaso não aparecer você leva uma surra!”



Acesse a versão digital deste informativo:

**sistemafaep.org.br**

•FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

•SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais



#### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

#### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

#### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Responsável \_\_\_\_\_